

# Os Socialistas e a Classe Operária Indicarão o Presidente da República

Frente às forças da burguesia conservadora e do caudilhismo demagógico, os socialistas apontarão à classe operária o caminho do Socialismo e da Democracia

**A Convenção Estadual aprovou o relatório do comp. Febus Gikovate**

Resolução da mais alta importância para a vida do Partido Socialista, acaba de ser tomada pela IV Convenção Estadual de São Paulo quando, por votação unanime de seus membros resolveu adotar a conclusão do relatório do comp. Febus Gikovate, recomendando-o à Convenção Nacional a realizar-se em junho próximo.

Essa decisão é significativa não só pelo simples fato de marcar a posição independente dos socialistas frente aos agrupamentos políticos demagógicos e burgueses mas também e, sobretudo, por definir uma posição política consistente com todas as nossas posições teóricas anteriormente assumidas. E essas posições são da mais alta importância para o desenvolvimento do Partido Socialista: elas estabelecem de maneira clara e precisa que o Partido Socialista não vê a possibilidade de nenhum partido político da burguesia conservadora ou liberal realizar a democracia,

nem mesmo dentro daqueles estritos limites da democracia burguesa. Significa que o Partido Socialista reconhece somente na classe operária a possibilidade da realização da democracia, mas em uma etapa superior, isto é, que a classe operária, aliada às massas camponesas e a grandes setores da pequena burguesia deverá implantar no Brasil não uma democracia no estilo burguês, mas sim uma pujante democracia proletária.

(Continua na 2.ª pág.)



Diretores responsáveis :  
Antônio Cândido e  
Arnaldo Pedrosa d'Horita  
Gerente :  
Febus Gikovate

ANO III - 5 DE MAIO DE 1950 - N.º 50  
PREÇO DO EXEMPLAR — Cr\$ 0,50  
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO  
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação :  
Praça da Sé, 237 - 2.º and  
Telefone : 3-9784  
SÃO PAULO — BRASIL

## ESCOLHIDOS NA QUARTA CONVENÇÃO ESTADUAL

os candidatos socialistas às câmaras legislativas

São os seguintes, os comps. escolhidos pela IV Convenção Estadual de São Paulo, para integrar a chapa de candidatos ao legislativo estadual:

Alípio Correia Netto, médico; Astrogildo Marques, pedreiro, Antonio Cillo Netto, médico; Antonio Costa Correia, advogado; Ary Lex, médico; Cid Franco, jornalista;

Fach Simão, advogado; Hozair Motta Marcondes, funcionário; Geraldo Campos de Oliveira, professor; José A. Rogé Ferreira, estudante; José Calazans de Araujo, comerciante; José Candido Liener, advogado, Julio Franco de Araujo, advogado; José Gonçalves Machado, jornalista; Luiz Lopes Coelho, advogado; Mario Neme, jornalista; Mauricio Loureiro Gama, jornalista; Otavio Nogueira, agrimensor; Paulo Ferraz, jornalista; Patricia Galvão, jornalista; Salvador Nacca, gráfico; Carlos Anselmo, ensacador, João Carlos Azevedo, médico; Miguel Midole, jornalista; Syr Martins, dentista; Paulo Vilas de Almeida, ferroviário; Silas S. Souza Camargo, ferroviário; Fabio Moura, professor, Benedito Macambira, operário; Antonio Medeiros, comerciante; Antonio Simões de Almeida, funcionário; Bento Manoel Siqueira, agricultor; Renato Correia Rocha, agricultor; Lauro Lima Verde, advogado; Mario Mattozinho, médico; Henrique Pêres, fun-

cionário; Valdemar Godoy, agricultor; Luiz Cairo, tecelão; Oriundo Dal Poggetto, metalurgico; Cervantes Angulo Dias, médico; Jorge Pacheco dos Santos, portuário; José Mario Junqueira Azevedo, estudante.

Para a Câmara Federal foram indicados os seguintes comps.

Cid Franco, jornalista; Antonio Candido, professor; Joaquim Vieira Filho, médico; João Caetano Alvares Junior, engenheiro; Plinio Gomes de Melo, jornalista; Eduardo Barnabé, ferroviário; Eduardo Almeida Leite, professor; Feneion Chaves, ferroviário; João Gonçalves Netto, motorista; Rubens Ullhôa Cintra, jornalista; Mario Scholz, pintor; Nabor da Graça Leite, ferroviário; Sergio Milliet, escritor; Pedro Tarlá, viajante; Francisco Giraldes Filho, agricultor.

Essas chapas serão completadas numa outra convenção que se deverá realizar em breve.

## O 1.º de Maio foi uma autêntica comemoração proletária

O comício que o Partido Socialista fez realizar em São Paulo, por ocasião da passagem de mais um primeiro de Maio, constituiu uma marco na história do movimento operário de São Paulo. Pela segunda vez, os trabalhadores da Capital tiveram a oportunidade de ouvir os oradores socialistas por ocasião do 1.º de maio, que lhes mostraram o verdadeiro sentido dessa data, tão falseada pelos representantes da classe dominante.

Dirigido no sentido de levar à classe operária os esforços feitos pelo Partido Socialista em prol da

libertação dos sindicatos e da anistia aos grevistas, bem como para conchamar a apoiar esses esforços por uma maior organização de suas forças, o comício obteve pleno êxito. Como no ano passado, o Largo 7 de Setembro esteve literalmente tomado por uma multidão que ouviu atentamente, pelo espaço de duas horas, os oradores socialistas que se sucediam na tribuna.

O comício de 1.º de maio marcou, verdadeiramente, o início de um contacto mais profundo entre o Partido Socialista e a classe trabalhadora da Capital.



Unidos pela  
libertação da  
classe operária

## Problemas do Socialismo Moderno

O movimento operário de todos os países atravessa a crise mais profunda de sua história. Os partidos sofreram modificações fundamentais em suas posições clássicas. Procurando seus programas de vinte anos atrás, seria difícil identificá-los tendo-se em conta sua fisionomia política atual. A guerra de 1914-18 não ocasionou desfigurações políticas tão características, tão estranhas como aquelas a que assistimos durante a última guerra. E há 30 anos, em face da claudicação, manteve-se viva a chama do socialismo internacionalista. Havia uma esperança imediata, e a luta entre adversários do movimento operário ainda se desenvolvia, parcialmente, com obediência aos costumes das pessoas civilizadas.

A crise atual do movimento socialista não é mais uma crise do mesmo estilo daquelas por que periodicamente passaram os partidos socialistas em consequência da repressão capitalista, dos problemas de tática, ou das repercussões da conjuntura econômica. A crise atual é de muito maior importância porque encontram-se em situação de desmoronamento, ao mesmo tempo, todos os valores morais que constituem também a razão de ser do socialismo. Encontramo-nos em face da liquidação geral de quase todo um século de pensamento socialista. Estamos diante de uma degeneração profunda de todo o movimento político. Essa é uma verdade tão evidente que não pode ser desconhecida nem escondida. É necessário que tenhamos decisão intelectual suficiente para reconhecer os fatos e para fazer o possível no sentido de superar essa situação, reivindicando, ao mesmo tempo, o verdadeiro socialismo.

Contemplando o espetáculo que oferecem em todos os países os dois grandes partidos da classe operária, encontramos velhos e novos militantes que se refugiam no desespero por haverem chegado com excessiva rapidez à constatação de sua própria impotência na tarefa de encontrar cura para tão grave mal. Mas o desespero não é jamais uma solução, e sequer um consolo. O desespero no militante, transformando-se em falta de fé, culmina na deserção, na negação da missão histórica do proletariado, no ceticismo sobre a finalidade do socialismo. É, pois, um abandono do dever, causado por uma atitude negativa.

De outro lado, jovens militantes que anda não fizeram a experiência de um contato diário com as massas operárias; que desconhecem seu verdadeiro estado de espírito, suas virtudes e seus defeitos, exasperados com a desnaturalização sofrida pelos partidos proletários em seu caráter revolucionário, encerram-se na torre de marfim das concepções puras e dogmatizam em meio à indiferença geral, perdendo-se na esterilidade. As lutas operárias de nosso tempo, por isso mesmo que se desenvolvem em meio à maior confusão política, exigem também uma compreensão real dos fatores em choque, que o socialismo extremado não consegue enxergar.

# SOCIALISMO E LIBERDADE

Precisamente por ser o perigo maior, faz-se necessária uma tática mais eficiente.

O socialismo somente pode conceber-se como o herdeiro da democracia burguesa, elevando a um plano superior os problemas morais colocados por esta e dando-lhes uma solução material decorrente das relações econômicas entre os indivíduos. O socialismo não é apenas uma doutrina econômica que procura estabelecer sobre novas bases o processo de produção, mas também uma concepção filosófica que, ao afirmar a dependência econômica do indivíduo, torna possível sua liberdade total, sem outro limite que não aquele que possa afetar o interesse coletivo individual, a defesa do verdadeiro desenvolvimento da personalidade humana. Si o indivíduo é combatido pelo socialismo, só o é em nome da coletividade e da autêntica liberdade, a liberdade de todos achando-se limitada racionalmente pelo dever social de cada um.

A história da humanidade é a história das lutas de classes. Interesses econômicos dispares têm sido o fundo que, sob apa-

rências diversas, suscitaram todos os conflitos da história dos países e dos países e dos indivíduos. O marxismo trouxe a análise científica das lutas de todas as épocas, que apareciam até então como cruzadas meramente ideais ou produtos de determinações ou impulsos pessoais dos mais poderosos.

Sem embargo, a interpretação materialista da história formulada pelo marxismo é também a confirmação de que através dos séculos os homens lutaram constantemente por suas liberdades nacionais e individuais. O homem tem o instinto nato da independência, que adapta à força das circunstâncias, mas à qual não renuncia em seu foro íntimo. O socialismo oferece-lhe a expansão de seu livre arbítrio, porque o socialismo tende a libertar o homem de todas as forças de coerção, de obscurantismo e de opressão; trata de fazer do homem realidade efetiva, e não um escravo material e moral.

O socialismo aspira a emancipar o homem de todas as tiranias interiores e de todas as coações exteriores; tende à

exaltação da consciência individual, desafiando a tirania e, inclusive, a morte. Os socialistas situam a personalidade humana acima de tudo, ao contrário da burguesia que coloca acima de tudo a propriedade, base da escravidão econômica e moral da maioria dos homens. O socialismo é também uma concepção geral da vida moral e social do porvir. É todo um conjunto de concepções que constituem uma doutrina, isto é, é uma nova civilização.

A realidade de uma classe não se compõe apenas de relações econômicas. Partindo da base dessas relações, estabelece-se todo um conjunto de opiniões e de concepções jurídicas e morais. O capitalismo tem toda uma concepção filosófica baseada na necessidade da existência de uma classe superior na sociedade. Todos seus princípios jurídicos e todos seus preceitos morais não são outra coisa que uma justificativa do direito de propriedade e da divisão dos homens em exploradores e explorados. Os pensadores burgueses são aqueles indivíduos de inteligência não comum, que submetendo-se

cles mesmos à tirania material dos dominantes, se encarregam de justificar a escravidão moral e material das massas assalariadas.

A democracia burguesa proclamava direitos hipotéticos a favor de todos os cidadãos, e entre eles também do escravo econômico moderno que é o produtor de uma sociedade de classes. A burguesia transigiu com as liberdades essenciais da vida social enquanto a classe trabalhadora, através de suas organizações sindicais e partidos políticos, não havia adquirido uma consciência e uma força que a habitavam a levar suas aspirações até suas últimas consequências. O despertar em massa do proletariado, como reflexo do desenvolvimento industrial, dotou a classe trabalhadora não só de uma consciência da necessidade de melhorar suas condições materiais de existência, mas também de romper sua escravidão moral elevando-se a categoria de cidadãos livres.

O trabalhador encontrava antes, em suas organizações e partidos, como que uma espécie de antecipação do respeito à personalidade e à liberdade individuais, que amanhã deve ser e será a norma de um regime socialista. Nenhuma pressão interior se impunha material ou moralmente à sua vontade. Era um homem livre em meio de outros homens livres. A educação que recebia ali, estava inspirada em dar uma responsabilidade a seu instinto de independência, para tornar-lhes mais eficaz a obra coletiva; porém, não substituir uma escravidão moral por outra.

Todas essas noções elementares não teria sido preciso repeti-las em fins do século passado ou em princípios deste. O socialismo se encontrava, então, em período de propagação, e todos esses conceitos eram aceitos como essenciais por todos e não haviam passado da teoria à prática. Porém, hoje, é necessário repeti-las, ampliá-las, revalorizá-las, porque foram esquecidos e deturpados. O ceticismo, e muitas vezes o cinismo, converteram-se em alavancas da propaganda, quando não de dominação, de algumas correntes socialistas entre as massas operárias. Todos os baixos sentimentos que o socialismo combateu sempre na sociedade e no indivíduo, refletem-se agora em certos métodos dos partidos operários e até na conduta de seus propagandistas.

Desde há alguns anos as minorias do movimento operário revolucionário se vêem obrigadas a lutar, como nos fins do século passado, pelas liberdades políticas mais elementares. Desta vez não só contra a tirania da classe dominante, mas também contra um setor operário que herdou seus métodos e seus costumes (da sociedade dominante), completando-os e modernizando-os. A liberdade de pensamento, de opinião e de associação é negada aos grupos que desejam manter sua independência e seu espírito crítico, isto é, aquelas tendências que permanecem fieis à razão de ser do movimento socialista desde seu berço. É a perseguição contra as minorias adquire caráter de ferocidade jamais alcançado até agora.

(continua)

Juan Andrade

(De "La Batalla")

## Os Socialistas e a classe operária

(Continuação da 1.ª pag.)

Por outro lado, a adoção do relatório do comp. Febus Gikovaté significa, também, que grandes setores do Partido, pelo menos em São Paulo, já fazem uma diferenciação nítida entre Democracia e Respeito às Leis. Aliás, somente essa compreensão fundamental, poderia justificar plenamente, completando, as posições adotadas pelo relatório. Realmente, para os socialistas, a Democracia não é a resultante do respeito às leis por parte dos poderes constituídos, mas sim, a resultante do entrelaço de forças entre a burguesia e o proletariado. A medida que a classe operária ganha força e consciência, através de sua organização em sindicatos autônomos e seu agrupamento em um partido operário, é que ela consegue, por sua pressão, fazer com que a burguesia que detém todos os poderes políticos da sociedade, transforme a sua ditadura de classe em uma relativa democracia política.

É dentro desse esquema que deve ser compreendida a afirmação do comp. Febus Gikovaté de que a situação de 1950 é diferente da situação de 1945. Naquela data, quando a ditadura começou a perder terreno, nós tínhamos, em todo o país, um amplo movimento de massas que tornava letra morta todos os dispositivos legais que impediam a

existência da democracia no Brasil; um movimento de tal importância que, embora as leis proibissem a greve e a associação sindical independente, nós vimos esses direitos proletários conquistados na prática pelos trabalhadores, sem que a burguesia já lhes pudesse opor o mesmo aparato policial de anos atrás. Foi esse amplo movimento de massas em 1945 que possibilitou em grande parte o clima democrático de que então gozamos.

Hoje, porém, a situação é completamente diferente. Uma vez que o presidente Dutra não precisa fazer uma série de concessões às massas trabalhadoras a fim de manter-se no poder, e já que o movimento operário experimentou um refluxo muito grande, não mais conseguindo estabelecer o equilíbrio entre as suas forças e as da burguesia, essa se vê perfeitamente à vontade para fazer dele, movimento operário, e da democracia, o que bem entende. Evidentemente que a burguesia nacional não irá implantar uma ditadura, à maneira do Estado Novo. A situação internacional, obrigando o bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos a manter em cada país participante do mesmo uma aparência de democracia, fará com que continuemos a vegetar nesse marasmo democrático

em que estamos vivendo, até que o movimento operário ganhe forças novamente, ou a deflagração da guerra obrigue a burguesia a implantar um regime declaradamente policial.

É nesse sentido que a situação se mostra diferente de 1945. Assim, nenhum dos candidatos a ser apresentado, seja apoiado pelas classes conservadoras, seja apoiado pelas forças demagógicas, poderá ter o apoio do Partido Socialista. Isso porque, como já foi definido no documento "Forças conservadoras contra forças demagógicas", aprovada na reunião da Comissão Estadual em Bauri, o interesse dessas forças demagógicas é apenas substituir a camarilha burguesa dominante por uma outra camarilha, igualmente dominante, ao mesmo tempo que inaugurar uma época de reformismo do tipo totalitário, como o nazi-fascista e estalinovista. Se nos essas posições teóricas nos levamos a essas conclusões, nos essas posições práticas devem ser sua decorrência lógica e imediata, isto é, independência e combate decisivo a ambas as forças.

É preciso deixar bem claro que não é em virtude de nos essa simples oposição ao capitalismo que estamos assumindo essa posição de independência e combate. Em inú-

(Continúa na 3.ª pag.)

# O Partido Socialista e a Sucessão Presidencial

De maneira seguramente mais lenta do que podíamos supor há cinco anos atrás, vem-se constituindo no país o Partido Socialista. Seu crescimento tem-se processado de maneira desigual, havendo também uma ponderável flutuação de elementos que se chegam às nossas fileiras e que após algum tempo delas se afastam, se não com hostilidade, pelo menos com uma certa desilusão.

Dois causas, a nosso ver, têm contribuído para essa vagarosa expansão da influência socialista e para a fraca atração que representamos para aqueles que conseguimos atingir com nossa propaganda.

A primeira causa é inteiramente alheia à nossa vontade, e escapa quasi completamente ao nosso controle. É ela representada pela evolução da situação internacional, que de pré-revolucionária no período imediatamente posterior à última guerra, retrogradou, graças ao aventurismo, ao golpismo e ao amoralismo dos russos, até a presente etapa de impasse mundial. Para que chegássemos às condições ora vigentes no plano internacional, bastante contribuiu, também, a incapacidade dos partidos socialistas europeus, e particularmente do Trabalhista inglês, para criar uma política inter-

nacional socialista independente. O trabalhismo inglês, ao mesmo tempo que realizava na Grã-Bretanha as reformas socialistas a que se comprometera, continuava a desenvolver uma política externa nacionalista e imperialista, tendo assim perdido uma oportunidade histórica no sentido de aglutinar a 3.a força.

A perda das perspectivas revolucionárias no plano internacional, e o desalento provocado na opinião pública pela rivalidade sem saída russo-americana, foram um poderoso fator a frear o crescimento do partido socialista brasileiro, pois a política em nosso país continua a ser em grande parte um simples reflexo da tendência dominante em escala mundial.

Porém, e sem embargo de todo o peso da causa apontada, o movimento socialista brasileiro poderia ter seguido um ritmo muito mais acelerado, si tivéssemos sabido constituir-nos numa verdadeira força de oposição ao regime, num polo de atração para aqueles que se desiludiam dos demais partidos — os partidos burgueses reacionários, os partidos burgueses demagógicos, os partidos burgueses de aventureiros, e o partido da nova burguesia burocrata russa.

O fato, entretanto, de que a direção nacional do partido socialista fôsse predominantemente constituída pelo mesmos elementos de nossa representação parlamentar na Câmara Federal, tirou muito de nossa mobilidade, capacidade de rápida reação em face dos acontecimentos, e suficiente independência para estigmatizar as mazelas do regime.

Antes de mais nada isso aconteceu por força do excesso de trabalho acumulado sobre um pequeno número de pessoas, pois é evidente que a nossa reduzida bancada federal não podia, a contento, realizar toda a tarefa que lhe competia no órgão legislativo, e simultaneamente conduzir, cá de fora, o partido, atuando os nossos incipientes organismos através de todo o território do país, e marcando-nos uma fisionomia suficiente de independência. Em face de

(Continua na 6.ª pág.)

## Fascismo e luta de Classes

Tomás-o-Cínico: A luta de classes, para o operário socialista, é um meio para chegar ao socialismo, isto é, a uma sociedade ideal, sem classes, na qual o operário não será inferior a nenhum outro membro da comunidade. Para o operário não-socialista, mas membro do sindicato, a luta de classes é, ao contrário, simplesmente, um meio para melhorar suas condições, um expediente para diminuir a distância entre ele e a pequena burguesia, para elevar-se um degrau mais na sociedade burguesa, a fim de poder esconder sua qualidade de proletário, da qual frequentemente se envergonha. O fascismo oferece aos operários socialistas, com a colaboração entre as classes, o substituto da sociedade sem elas, e aos outros o substituto do aburguesamento. Substituído da sociedade sem classes, no sentido de que as classes sejam verbalmente suprimidas, de que não se fale mais nelas, ou só se fale para dizer que não existem, porque já foram reabsorvidas pela nação: portanto, para que falar nelas? E substituído do aburguesamento, no sentido de que o operário atrasado, se entrar no partido (fascista) possa vestir a camisa preta ou parda como o "camarada" banqueiro, sendo mesmo possível acontecer que, numa festa do partido, o "camarada banqueiro", num momento confidencial, lhe bata nas costas e lhe diga: "Meu caro amigo, você acha que vai chover esta noite?" De qualquer forma e em ambos os casos, apenas substituídos. Nem as classes são realmente suprimidas, nem o aburguesamento se manifesta numa melhoria das condições materiais de vida do operário. A ilusão de uma e outra coisa só foi possível com o obscurecimento da noção de classe na consciência do operário. Não na do capitalista, bem entendido, que "no interesse da produção nacional", encontra, ao contrário, uma boa plataforma para continuar silenciosamente a própria luta de classes.

(Ignazio Silone — "A Escola dos Ditadores")

## Os Socialistas e a classe operária indicarão o Presidente da República

(Continuação da 2.ª pág.)

meros países, quando a situação o exigiu, vimo-nos forçados a apoiar a ala liberal da burguesia, a fim de garantir certas regalias para o proletariado. Mas, o que é preciso notar, é que as condições desses países, o desenvolvimento da luta de classes nos mesmos, são inteiramente diferentes da situação brasileira. Se nos países europeus e nos Estados Unidos, podia-se até uma certa época fazer uma diferenciação nítida entre a burguesia conservadora e a burguesia liberal, ambas em oposição e essa última apo-

lando-se na classe operária para derrubar aquela do poder político, no Brasil nada disso acontece. Nunca, no Brasil, os interesses econômicos da burguesia dita liberal foram tão poderosamente antagonizados aos da burguesia conservadora, para que ambas pudessem entrar em luta. A bem dizer, não há no Brasil uma burguesia liberal, no velho sentido europeu, mas sim uma classe chegada tardiamente às disputas pelo mercado mundial e que se fraciona em função de seus interesses regionais e individuais. Assim, o movimento operário não pode apoiar-se nessa pretensa "burguesia liberal" para poder reforçar a ordem democrática. Desde o aparecimento da burguesia no cenário político à exceção talvez de 1930, sempre a burguesia e a classe operária andaram por caminhos inteiramente diferentes. A democracia, no Brasil como nos países coloniais, ou será fruto de um amplo movimento de massas, ou não existirá. A burguesia não será capaz de realizá-la.

\* \*

A posição assumida por São Paulo, se aprovada na Con-

venção Nacional, colocará o Partido Socialista em uma posição impar no cenário político nacional. De uma parte, todos aqueles círculos que viam nos socialistas uma ala esquerda da UDN sentir-se-ão extremamente chocados por terem perdido um aliado que em hipótese alguma imaginavam perdê-lo; por outra parte nos permitirá, dentro de nossas possibilidades organizatórias, uma mobilização de amplos setores da classe operária que se acham descontentes com o atual estado de coisas. Da primeira decorrência, advirão uma série de comentários e posições reticentes, no sentido de colocar o Partido Socialista numa posição desagradável perante o eleitorado da pequena burguesia. Incapazes de compreender que o Partido Socialista nunca foi, ideologicamente, aliado ou ala esquerda da UDN, esses círculos darão apenas mostra de seu raciocínio eminentemente oportunista e prene de ideologismo burguês. A segunda implicação de nossa atitude, levar-nos-á a uma maior penetração na classe operária e radicalização consequente de nossas

(Conclui na 5.ª pág.)

## O TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DESCONHECEU DA REPRESENTAÇÃO CONTRA OS INTEGRALISTAS

Viuando recentemente para o Rio, o comp. Plínio Mello, secretário da C. E. do Partido Socialista fez as seguintes declarações à reportagem dos jornais:

— "Vou tomar parte na reunião plenária da Comissão Nacional do Partido Socialista, na qual, a l.º em da fixação da data de nossa próxima convenção nacional, serão tomadas providências relacionadas com a fixação de nossas diretrizes políticas em face da sucessão presidencial da República. O ponto de vista de São Paulo, nesse particular, é de que o nosso partido se apresente com candidatos próprios no pleito de outubro próximo. Embora não tenhamos a pretensão de eleger o futuro presidente da República, entendemos que essa orientação se impõe, em face da confusão política nacional e dos princípios democráticos que defendemos".

Interpelado sobre a recente decisão do Tribunal Eleitoral de São Paulo, no caso da representação do partido contra o P. R. P., a propósito das ocorrências verificadas há tempos em Araraquara, que decidiu tomar conhecimento da representação dos socialistas, declarou o comp. Plínio Neto:

— "Embora respeitemos as razões invocadas pelo ilustre relator e acolhida pelo egregio Tribunal Regional, entendemos que os partidos políticos, devidamente registrados no Tribunal Eleitoral, não podem ficar à mercê de violências de "gangsters" como aquelas que se verificaram em Araraquara, ainda mais quando é

público e notório que tais violências foram praticadas por elementos filiados a outro partido político registrado no mesmo tribunal. Se o regimento interno da referida corte admite a abertura de processo em casos de crimes comuns conexos com aqueles de sua atribuição específica, parece que o Tribunal de São Paulo não poderia deixar de tomar conhecimento da representação socialista".

## A NOVA COMISSÃO ESTADUAL DE S. PAULO

Está assim constituída a nova comissão estadual, eleita na IV Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro, seccção de São Paulo: Alípio Corrêa Netto, João Caetano Alvares Jr., Antônio Costa Corrêa, Febus Gikovate, Domingos Carvalho da Silva, Oliveira S. Ferreira, Antônio Candido de Mello e Souza, Arnaldo Pedrosa d'Horta, Tomás Martins da Costa, Waldemar de Souza, João Siqueira, Syr Martins, Mario Scholz, Laurentino Furtado, Alvaro Gomes dos Reis, Simão Podolsky, Fabio Moura, Silvio Fortunato, J. Calazans de Araujo, Wilson Rahal e Plínio Gomes de Mello.

# O movimento revolucionário no mundo Colonial

(Continuação da 8.ª pág.)

des pré-capitalistas distinguem-se elementos pequeno-burgueses cuja liderança de alguns movimentos nacional-libertadores, a despeito de sua insignificância, se explica pelo atraso das massas coloniais e pelo papel que, em certas circunstâncias, tais elementos podem representar no equilíbrio de forças. Todas essas forças dominantes nacionais temem muito mais o ímpeto das massas dirigidas, pelo proletariado incipiente, do que a dominação imperialista. Todas elas não cessam de demonstrar sua impotência em realizar os tarefas da revolução nacional e democrática-burguesa.

## AS TENDÊNCIAS DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

Em todos os povos do sul e sudeste da Ásia, sem exceção, a guerra desencadeou movimentos revolucionários. Os antigos senhores haviam sido militarmente derrotados pelo imperialismo japonês, e ao voltarem, não mais encontraram os dóceis escravos coloniais de outrora. Das Filipinas a Madagascar, deflagraram-se movimentos pró independência. Na Indonésia e na Indochina, a situação tornou-se particularmente aguda.

De um modo geral, distinguem-se três tendências nesses movimentos nacionais. A primeira é representada pelos nacionalistas pequeno-burgueses cujas intenções não vão além da obtenção da soberania nacional e de algumas tímidas reformas. A segunda é representada pelos stalinistas. A base dessa segunda tendência compõe-se de militantes sinceros que vão para o PC atraídos ainda pelo fascínio da Revolução Russa e pelas tradições de luta que representam. Mas a direção stalinista — burocracia em embrião — aplica nos países coloniais uma linha semelhante a aquela que, aplicada na Espanha em 1936-39, conduziu à derrota do proletariado espanhol. Visando estabelecer sua própria ditadura totalitária dentro dos limites nacionais e impedir que a situação se resolva pelo estabelecimento da democracia proletária internacionalista ela procura frear qualquer velocidade revolucionária independente das massas; à conquista do poder pelo proletariado, os stalinistas contrapõem a política de "frente popular"; à revolução proletária fundada na aliança dos proletários e camponeses, contrapõem com segundas intenções a "revolução democrática-burguesa" fundada no célebre "bloco das quatro classes". No tal governo de frente popular, então, dissolvidos os órgãos da democracia proletária, o aparelho stalinista se infiltraria de cima para baixo, liquidaria um por um os setores pequeno-burgueses e instalaria sua dominação totalitária. Esses desígnios, realizados com sucesso na Europa Oriental, ficaram particularmente caracterizados na Indochina.

A terceira tendência no movimento colonial é constituída pelos marxistas revolucionários. Sua plataforma consiste em ligar as tarefas da revolução democrática às tarefas da revolução socialista, os tarefas da revolução nacional às tarefas da revolução internacional. Já que as tarefas da revolução democrática são irrealizáveis pela burguesia nacional, o proletariado toma-lhe a dianteira; este, chegando ao poder, não pode se deter nos limites da revolução democrática-burguesa; por sua vez, a tarefa de instaurar uma economia socialista exige a superação das fronteiras nacionais. Assim, a plataforma do mais lúcido núcleo desta tendência — o movimento de Tan Malaka na Indonésia — levantava a bandeira de 1) governo ope-

rário e camponês — 2) revolução agrária — 3) socialização ou, ao menos, instauração do controle operário das indústrias existentes — 4) unificação das colônias sublevadas numa federação de repúblicas proletárias. Nas condições específicas da Ásia, o trotskismo ainda tem desempenhado um papel fecundo para os vanguardas revolucionários. Deve-se notar porém que o movimento de Tan Malaka está fora da IV Internacional e que o PS da Índia, atualmente o maior agrupamento operário da Ásia, também adota uma posição independente.

## OS ACONTECIMENTOS NA INDOCHINA

A política do stalinismo, já descrita neste artigo, dirigida do vértice do Viet-Nam oficial, desmoralizou o movimento revolucionário indochinês, castrando-lhe a iniciativa e espalhando a confusão em seus fileiros. Não satisfeitos em contrapor a estrutura republicano-burguesa do Viet Nam ao governo de conselhos operários e camponeses preconizado pela Liga Comunista Internacionalista de Tha-Thu-Tao os stalinistas e nacionalistas dirigidos por Ho-Chi-Min resolveram não oferecer resistência armada ao desembarque das tropas francesas. Um sanguinolento terrormor, semelhante ao da Catalunha em 1937, massacraram Tha-Tu-Thao e 700 de seus camaradas. Os franceses desembarcaram sem resistência mas não quiseram saber de acordo com Ho-Chi-Min, que foi expulso de Saigão. Apoiado num exército de de guerrilheiros, o Viet Nam ainda resiste e controla mais de metade da Indo-China. O PC francês defende a independência da Indochina, à condição de que ela se faça "dentro da União Francesa".

A repressão francesa na Indochina e em Madagascar, bem como a holandesa na Indonésia, foi ferocíssima. O que os nazistas fizeram em Lídice foi repetido em dezenas de aldeias indochinesas e indonésias. Em Madagascar mais de cem mil rebeldes pagaram com a vida sua relutância em receber os benefícios da "civilização ocidental". É bom lembrar que tudo isso começou quando Thorez ainda era ministro na França e durante todo esse tempo os renegados da SFIO estiveram no governo francês. Mas a solidariedade do proletariado francês não tem faltado a seus irmãos indochineses. Apesar da direção política e militar do Viet Nam estar em mãos stalinistas, formou-se posteriormente um movimento socialista que já é majoritário, nos fileiros do Viet Nam.

## OS ACONTECIMENTOS NA INDOONESIA

Os acontecimentos na Indonésia seguiram rumo análogo. O movimento operário organizado por elementos holandeses da extrema esquerda já antes de 1914, tem fundas raízes na Indonésia. De todas as colônias era a que possuía movimento nacional mais forte e onde a burguesia nacional tinha mais consistência.

De 1945 a 1949 a Indonésia foi palco de uma luta muito violenta e muito confusa entre os colonialistas holandeses, os republicanos nacionalistas, os stalinistas, os mussulmanos da extrema direita e os partidários de Tan Malaka. A princípio, no período da lua de mel Yalta — Potsdam, os stalinistas participaram do governo e preconizaram atitude moderada em face dos holandeses. Com o rumo tomado pelos acontecimentos internacionais e os republicanos não desejando dividir sua autoridade, os stalinistas foram

expulsos do governo. Lançaram-se a uma linha insurrecional, provocando várias revoltas que foram brutalmente reprimidas. Chegando do exílio, Tan Malaka organizou seu movimento que em breve se tornou o 2.º partido da Indonésia, em tamanho. Suas posições radicais atrairam sobre Tan Malaka a repressão dos holandeses e dos republicanos. Com o cabeça posta a prêmio, o "Lenin indonésio" organizou um exército de guerrilheiros que controla uma parte da região oriental de Java.

A completa crise da estrutura social do país, o aguçamento da situação revolucionária e por fim a vitória stalinista na China acabaram convencendo os holandeses de que mesmo para seus interesses era mais conveniente conceder a independência ao governo republicano.

## SITUAÇÃO-ATUAL E PERSPECTIVAS

Do levantamento geral dos povos coloniais a partir de 1945 resultaram a fundação e desenvolvimento de um movimento socialista independente cristalizado em novos partidos e sindicatos, tanto no sudeste da Ásia quanto na África do Norte, bem como a independência da Índia, Ceilão, Birmaníia, Indonésia e Filipinas.

Sobretudo nessas duas últimas colônias a independência foi uma concessão formal dos imperialistas, tendo ficado praticamente intactos seus interesses econômicos, a barbárie e as contradições da sociedade colonial. Os republicanos nacionalistas burgueses que receberam a soberania nacional, afirm de que a ação das massas não prosseguisse rumo a fins mais radicais, são completamente impotentes para resolver as referidas contradições.

A vitória dos trabalhadores ingleses corou a luta dos indus e ceilenses que obtiveram sua independência. O movimento operário sindical e partidário se desenvolve rapidamente na Índia e no Ceilão. Todavia a falta de haver um governo trabalhista na Inglaterra não foi suficiente para impedir o massacre dos rebeldes malaios por aviões a jato. Em Madagascar o movimento nacional foi desarticulado por uma feraz repressão francesa. Na Birmaníia, a autoridade do governo central é mantida em cheque pela rebelião dos nômades Karens e por dois exércitos de guerrilheiros: o da Bandeira Vermelha (trotskista, mais numerosos) e o da Bandeira Branca (stalinista). Nas Filipinas, os guerrilheiros do Hukbalahap continuam a luta nas montanhas, acossados por um governo ultra-reacionário. De um modo geral, a situação revolucionária — que chegou a colocar no ordem do dia a tomada do poder pelo proletariado ou menos na Indonésia e Indochina — recuou bastante.

É sobre o palco desses acontecimentos que, depois da vitória stalinista na China e das derrotas do imperialismo russo na Europa, vem se projetar a pugna dos dois gigantes imperialistas em luta pelo mundo. Os republicanos nacionalistas e os fantoches tipo Bao Dai (o imperador indochines fabricado pelos franceses) representam na Ásia para o bloco ocidental o que a "democracia cristã" representa na Europa. A parte do imperialismo russo é desempenhada pelos altos stalinistas dos movimentos nacionais.

A derrota militar dos guerrilheiros que ainda resistem, caso sobrevenha, não encerrará o drama da Revolução Colonial. As contradições da sociedade colonial continuarão a ser um terreno fértil sobre o qual crescerá o movimento operário. A

intervenção militar e econômica do bloco ocidental só servirá para stalinizar os movimentos de resistência, pelo fortalecimento que trará a suas alas stalinistas. O exemplo do Kuomintang já provou suficientemente que armas e dólares não bastam para sustentar governos ou camarilhas impotentes. Intervenção militar direta por parte da Rússia ou da China não deve ser esperada porquanto ela poderia precipitar uma guerra mundial. Caso a pressão da opinião democrática nos metrópoles consiga impor a paz com os guerrilheiros nativos, não é de esperar que os stalinistas dominem os governos nacionais, uma vez que não majoritários nem mesmo no Viet-Nam de Ho-Chi-Minh, tendo demonstrado incapacidade política e submissão servil aos vai e vem da política imperial russa.

A grande esperança dos povos coloniais é o desenvolvimento do movimento operário e camponês, sindical e socialista revolucionário independente em função das necessidades concretas das massas nativas. Há boas perspectivas para esse movimento, que tem crescido consideravelmente. O futuro imediato dos povos coloniais depende ainda de 2 fatores decisivos: a atuação do movimento operário nas metrópoles e o rumo a ser tomado pelas relações entre Stalin e Mao Tse Tung.

## O CONGRESSO INTERNACIONAL DOS POVOS COLONIAIS

Por iniciativa das organizações socialistas independentes europeias

e norte-americanas - o PT independente inglês, o RDR francês, o POUM espanhol, o Bloco Socialista Holandês, a LSI norte-americana, etc. constituiu-se o Congresso dos Povos, reunindo todos os movimentos nacionais revolucionários da África e da Ásia, notadamente as diversas correntes socialistas. Trata-se de uma espécie de Internacional dos povos coloniais, reunindo diversos movimentos unidos para a ação prática e confrontação de posições. A 2.ª conferência do Congresso dos Povos realizou-se em Londres em Outubro de 1949. Entre os assuntos de maior interesse estava a fixação da participação dos povos coloniais em face da luta inter-imperialista entre a Rússia e os Estados Unidos.

Depois de caracterizar como inter-imperialista a luta entre a URSS X USA, aprovou-se uma moção da qual destacamos o trecho seguinte:

"Os povos coloniais recusam-se a participar em guerras imperialistas e estão decididos a transformar as guerras imperialistas em guerra de libertação nacional e emancipação social. É dever das massas europeias exprimir concretamente sua solidariedade para com os povos coloniais, auxiliando-os na realização desses objetivos".

Os revolucionários do mundo colonial vêm assim engrassar as fileiras dos que lutam por um movimento socialista, independente quer do bloco americano quer do bloco russo.

Victor Freire Motta

## INDICADOR PROFISSIONAL

### ADVOGADOS WILSON RAHAL

ESCRITÓRIO: Praça Antonio Prado, 9 - 11.º andar Salas, 1107/9 - Fone: 3-4656

### RESIDENCIA,

Rua Guarará, 230 - SÃO PAULO

### DR. JULIO DE ARAUJO FRANCO FILHO

RUA BRAULIO GOMES, 25 7.º PAV. - CONJ. 709

### Renato Sampaio Coelho

Rua José Bonifácio, 209 11.º andar - Salas 1.104-6-8-10 Tel.: 6-3013

### ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO COSTA CORREA

RUA FRADIQUE COUTINHO, 303 R. CONS. CRISPINIANO, 79 5.º Andar - Tel. 6-3013

### HIRAM MAYR CERQUEIRA

Tel.: 3-5502 R. Sen. Paulo Egídio, 61 - 3.º SÃO PAULO

### Drs. Hazair Motta Marcondes e Carlos Nobrega Duarte

Rua Benjamin Constant, 138 3.º Andar - Tel 2-6652

### FREITAS NOBRE ADVOGADO

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º And. Tel.: 2-0168

## HOSPITAL 9 DE JULHO

Rua Peixoto Gomide, 647

Fone — 6-6565

CIRURGIA GERAL

ABERTA A TODOS

OS MÉDICOS

### MÉDICOS

DR. FEBUS GIKOVATE Xavier de Toledo, 46 - 3.º CLINICA DO APARELHO RESPIRATORIO RAIOS X

### DR. EMILIANO NOBREGA

CLINICA MÉDICA Rua da Estação, 13 TREMEMBÉ DA CANTAREIRA

### DENTISTAS

DR. OSVALDO ANTÃO FERNANDES, C. D.

Clinica geral - Infecções dentárias - Cirurgia - Raios X - Dentaduras (com curso Post. Graduado) Rua Barão do Itapetininga, 139 - 3.º and.

Ap. 2 - Tel.: 4-0027

SÃO PAULO

É o seguinte, o relatório do comp. Plínio Mello, apresentado à Convenção Estadual.

Companheiros Convencionais:

Em sua reunião plenária de Araraquara, resolveu a Comissão Estadual apresentar a sua renúncia a esta Convenção, afirmando que o Partido pudesse ter uma direção responsável por toda a campanha eleitoral e não fosse constrangido a convocar uma nova Convenção nos vespúrgos do pleito de Outubro, quando terminaria, normalmente, o seu mandato, apenas para o fim de eleger a nova Comissão Estadual. Daí, o presente relatório do Secretário da Comissão Executiva, com o balanço de suas atividades no decorrer de oito meses de atividade, isto é de Outubro de 1949 a Abril de 1950 a Abril de 1950, ao apresentar, neste ato, formalmente, a sua renúncia, conforme ficara estabelecido.

**Funcionamento da Comissão Estadual** — Nesse período, a Comissão Estadual realizou apenas duas reuniões plenárias, uma, em Santa André, em Dezembro, e, outra, em Araraquara, em Fevereiro, onde foi assentado que não seria convocada nova reunião plenária para o mês de Abril dada a proximidade da convocação do presente Convenção. Nessas duas reuniões, foram examinados importantes problemas relacionados com a vida partidária, como aqueles que dizem respeito à questão sindical, plano de jornal diário, luta contra a rearticulação do integralismo, ampliação dos quadros partidários no interior e preparação para as próximas eleições. As atas contendo os debates e resoluções aprovadas se encontram arquivadas na secretaria, sendo que as principais resoluções tomadas foram também divulgadas na "Folha Socialista". A Comissão Executiva, por sua vez, durante esse período, reuniu-se semanalmente, para o exame e execução das tarefas do Partido, sempre com o comparecimento de quase todos os seus membros. Uma vez ela reuniu-se juntamente com a Comissão Municipal da Capital, para exame da situação organizatória e financeira do Partido, aqui.

**Secretaria** — Ao contrário do que ocorreu em anos anteriores, o secretário não pôde desempenhar-se satisfatoriamente das tarefas a seu cargo. A falta de um funcionário especializado nos serviços burocráticos e as constantes dificuldades financeiras com que vem arcando o Partido, desde a sua fundação, muito contribuíram para a falta de maior correspondência entre a C. E. e as CC. MM. do interior, o que acarretou, como era natural que acontecesse, certa morosidade no trabalho de arregimentação partidária e consolidação dos organismos já existentes. Apesar disso, foram encaminhadas várias circulares, contendo diretivas de trabalho e pedindo informações aos delegados da CC. MM. Manda a verdade que se diga não ter sido muita satisfatória a reação destes órgãos áquelas apelos. Com exceção de algumas CC. MM., entre as quais não será demais destacar as de Santa André, Jaú, Campinas, Santos, Baurá, Piracicaba, Cubatão e Ourinhos, as demais, como aconteceu com a maioria dos delegados, quando não responderam às questões formuladas limitaram-se a prestar informações vagas e deficientes.

**Tesouraria e Finanças** — A situação da tesouraria da C. E. é objeto de relatório em separado, apresentado pelo companheiro encarregado desse setor. Por ele se verifica, a par da situação deficitária em que se encontra o Partido, quão insatisfatória é ainda, para uma organização como a nossa, a receita de que dispomos. Tal situação está a exigir desta Convenção e da Comissão Estadual a ser eleita uma solução

# Relatório apresentado à IV Convenção Estadual, sobre a situação do Partido no Estado

energica, sob pena do Partido não poder cumprir seus objetivos no fase decisiva para seus destinos que ora vai ter de enfrentar. Entre as sugestões para solução desse problema, não será demais deixar aqui consignadas as seguintes: a) fixação de uma quota mínima, de acordo com as próprias possibilidades de cada C. M., a ser enviada, mensalmente, para a C. E.; b) campanha intensiva de socios, com a cobrança regular de suas respectivas mensalidades; c) arregimentação de contribuintes regulares entre os simpatizantes do socialismo; d) elaboração de um plano de finanças, mediante festivais, convoscos, pique-niques, bailes, rias, listas de subscrição e leituras de objetos de utilidade.

**Propaganda** — O trabalho de propaganda do Partido, em São Paulo, aficra alguns comícios nesta Capital e no interior do Estado, e divulgações de alguns boletins ainda está limitado à publicação da "Folha Socialista" e de comunicados no imrgimento diário. Neste sentido, a orgão partidário tem servido não só para manter a necessária ligação entre a direção e os organismos de base do movimento socialista, mas, sobretudo, para dar coesão e unidade ideológica ao pensamento político dos socialistas em todo o Estado. Uma grande lacuna, entretanto, ainda existe nessa publicação a, que precisa ser preenchida pela nova direção: é a falta de sua distribuição as bancas de jornais, para venda avulsa. Nesse particular, precisa a "Folha Socialista" não só passar a ser publicada semanalmente, mas, conter, em todos os seus numeros, uma reportagem, pelo menos, de assunto que interesse a massa trabalhadora. Outra iniciativa da C. E. que hoje termina o seu mandato no setor da propaganda se relaciona com a publicação de um jornal diário. Como se trata de questão a ser examinada em separado, em face do relatório que a Comissão Especial elaborou a respeito, deixamos aqui de tratar da questão. E, para completar este capítulo do nosso relatório, devemos sugerir as seguintes medidas a serem tomadas no que se refere a propaganda: a) intensificação da campanha de comícios, não só nos bairros e cidades do interior, mas também as portas das fabricas e grandes estabelecimentos industriais; b) aquisição de uma caminhonete com instalação de altifalante para a propaganda socialista não só nesta Capital, mas no interior; c) realização de conferencias, semanalmente, em cidades do interior, divulgando os principios socialistas e as principais reivindicações de nosso programa mínimo; d) publicação de folhetos de propaganda socialista, inclusive um que contenha esplanção popular de nosso programa; e) aquisição sistemática de assinaturas para a "Folha Socialista".

**Atividade sindical** — Apesar das resoluções assentadas na reunião plenária de Santa André, o trabalho sindical do Partido, em São Paulo, continua deficiente, sinão quasi nulo. A idéia de se promover um movimento autonomista e de libertação dos sindicatos, visando dar vida a esses organismos de luta e defesa dos interesses dos trabalhadores, foi, entretanto, bem recebida entre alguns lideres sindicais com quem o assunto foi ventilado. O que não se pode conseguir — foi apenas a concretização da iniciativa, através

de uma reunião de militantes interessados e que assumam a responsabilidade do movimento. Acreditamos, porém, que, nesta Convenção, dada a presença de alguns companheiros ligados ao movimento sindical, poderá ser traçada uma diretriz segura nesse sentido. E isso é tanto mais necessário em face da possibilidade de termos eleições sindicais dentro de algumas semanas, sendo necessário evitar que os "pelegos" ministerialistas continuem à frente dos sindicatos operários. Ainda no que se refere à atividade sindical do Partido, foram estabelecidos entendimentos com vários dirigentes sindicais no sentido de ser organizado um Centro de Estudo dos Problemas Operários (C. E. P. O.), visando debater questões de interesse imediato dos trabalhadores, sobretudo aquelas relacionadas com a legislação social, iniciativa que deverá ser concretizada em breve.

**Arregimentação** — A estrutura organizatória do Partido, convém confessar lealmente, não está correspondendo as prementes tarefas políticas que temos pela frente. No período de gestão da C. E. que hoje encerra o mandato, foram organizadas apenas cinco (5) novas CC. MM. nos municípios de Araraquara, Taubaté, São Roque, Assis e Itú, estando em vias de organização ou reorganização as de Saratubá, São Caetano São Carlos, Barretos, Ribeirão Preto, Cruzeiro, Jundiá, Presidente Prudente e Registro. Formalmente organizadas, temos CC. MM. nos seguintes municípios: Capital, Santos, Santos André, Campinas, Jaú, Baurá, Piracicaba, Taubaté, Assis, Araraquara, São José dos Campos, Mogi das Cruzes, Capatzen, Ourinhos, S. Manoel, Cubatão, Tamboá, São Roque, Penha Barreto, Itú, Tupã e Aracatuba, ou seja, ao todo, vinte e três municípios. Em mais de vinte outros municípios, como Ribeirão Preto, Catanduva, Rio Preto, Presidente Prudente, Presidente Wenceslau, S. Carlos, Rio Claro, Botucatu, Limeira, Cruzeiro, Pirajú, Lin. Copiavari, Tietê, Baurerri, Onda Verde, S. Caetano, Ribeirão Bonito e Monte Alto, temos delegados devidamente credenciados ou companheiros ainda desorganizados. Infelizmente, ainda não nos foi possível organizar o Partido em grandes municípios, como Jundiá, Marília, Santa Cruz do Rio Pardo, Rio Claro, Guaratinguetá, Olímpia, Iapetininga, Monte Arapezel, Botatatis, S. João da Boa Vista, Barretos, Avaré, Taubaté, Garça, Penapolis, Jaboticabal e outros.

Tal situação está a exigir da presente Convenção e da nova C. E. providencias organizatórias urgentes para que os grandes nucleos de população que ali vivem sejam atingidos pela propaganda socialista. Uma sugestão caberia aqui para solução do problema: destacar alguns dos candidatos a deputados a serem escolhidos nesta Convenção, com a tarefa imediata de visitarem esses municípios, visando a organização partidária, ali e propaganda das suas próprias candidaturas. Sua gestão identica deve ser feita com referência à organização de grupos de base neste capital, como tarefa especifica aos candidatos que não possam ou não pretendam locomover-se pelo interior do Estado. Isso, a nosso ver, viria facilitar bastante as atribuições da C. E. e da C. M. de São Paulo, contribuindo de modo decisivo para o desenvolvimento de nosso trabalho partidário.

**Questões disciplinares** — Durante a sua gestão, teve a nossa C. E. de enfrentar duas tentativas de violação das normas disciplinares do Partido. Uma delas, quando um pequeno grupo de militantes, deixando-se influenciar por elementos trotsquistas, pretendeu estabelecer confusão nas fileiras partidárias desta Capital. Desse elementos, quatro foram expulsos e dois foram suspensos por seis meses. Outro grupo de antigos companheiros, tendo à frente Abguar Bastos, tomou a iniciativa de organizar uma sociedade civil denominada "União dos Trabalhadores Progressistas" (UTF), sem consulta prévia aos organismos partidários, como fora resolvido na reunião plenária da C. E. de Jaú e decidida também a Comissão Nacional, no que se referia a iniciativas dessa natureza ou participação de membros do Partido em movimentos políticos extra-partidários. Como os membros desse grupo não tivessem se desligado do tal organismo no prazo que lhes dera a Comissão Executiva, conforme fora decidido na reunião plenária de Araraquara, foram considerados desligados dos quadros do Partido, com recurso para a Comissão Nacional, na forma dos Estatutos. Devemos informar, a bem da verdade, que, nesse meio tempo, foi dissolvida a tal U. T. P., sendo que um dos antigos companheiros daquele grupo informou-nos que não fora dada resposta no prazo fixado, porque a assembléia de dissolução da sociedade realizou-se posteriormente àquela data. Em face da nova situação criada, talvez não fosse demais atribuir-se à nova Comissão Executiva a incumbencia de um dos membros daquele grupo, a ser dirigir, individualmente, a cada um dos quais se encontram vários operários indagando deles se desejam voltar ao PSB submetendo-se à disciplina partidária.

(Continua no próximo número)

## O Candidato...

(Conclusão da 6.ª pág.)

Resta entretanto decidir entre duas hipóteses: candidato próprio ou estranho. Não negarei que, do meu ponto de vista pessoal, a solução que ideologicamente se impõe é a de uma candidatura socialista. O povo deve se acostumar com a presença de candidatos socialistas em todos os pleitos eleitorais. E o partido deve forjar, em todas as oportunidades que surgirem, sua equipe de futuros dirigentes da Republica. É necessário tirar o Partido do relativo anonimato em que ainda vivem e o pleito eleitoral é uma das melhores oportunidades que o regime vigente nos oferece.

Se existimos para, nas horas decisivas, apoiar aqueles que personalizam um mundo que combatemos, negamos a razão de ser de nossa própria existência. Não importa se somos poucos: importa que estejamos certos e que provemos, em cada pleito, o nosso progresso. Eramos, para exemplificar, 5.000 em 1945 em São Paulo. Em 1947 já eramos 14.000. Em 1950 poderemos ser 40 ou 45 mil. A mesma progressão poderá ser observada em todo o território nacional. E, se hoje temos apenas a razão do nosso lado, a aumentar nossa força, teremos amanhã a força eleitoral a prestigiar nossas razas.

Só diante de um eminente perigo para a segurança do regime deveremos sacrificar os interesses do nosso partido aos interesses superiores da democracia. Este é meu ponto de vista. E, concluindo, proponho que seja a seguinte a posição da Comissão Municipal do Partido Socialista Brasileiro diante do problema da sucessão presidencial: luta pelo lançamento de candidatos próprios à presidência e vice-presidência da Republica e manutenção desses candidatos até o pleito, quaisquer que sejam suas possibilidades eleitorais.

## A mensagem do...

(Conclusão da 6.ª pág.)

tuação de descalabro material e moral a que se chegou no Brasil, temos o direito de proclamar que só um milagre, o qual normalmente não deve ser esperado, poderá salvar da desorganização econômica e do caos político, uma nação tão cheia de riquezas potenciais.

Pirajú



## Os Socialistas e a classe operária

(Continuação da 3.ª pág.)

atitudes e posições. Se o Partido triunfar de ambas as propostas, poderemos, então, dizer que ele se transformou no partido da classe operária, da democracia e do socialismo.

A candidatura socialista entretanto, não pode ser compreendida como uma candidatura que se lança, simplesmente por lançar. Ela sómen-

te terá sentido se em torno dela desenvolvermos uma ampla campanha mostrando todo seu significado social e político; se a fizermos uma bandeira de combate contra as forças conservadoras e as forças demagógicas. Somente assim, ela poderá ter sentido e êxito.

Oliveiros S. Ferreira

# O PARTIDO SOCIALISTA e a sucessão presidencial

(Continuação da 3.ª pág.)

explorações já antes ocorridas, convém acentuar, neste ponto, que nada de pessoal há numa tal crítica, que tem sentido exclusivamente político, e de forma alguma poderia refletir-se sobre as pessoas de nossos parlamentares.

O éco que a voz dos partidos encontra na tribuna da Câmara Federal deve ser, normalmente, apenas uma — embora entre as mais importantes — das manifestações de sua atuação. Conosco tem ocorrido o inverso, sendo a regra que o partido fale através de seus deputados federais, e a exceção que ele se manifeste como organismo autônomo. Isso tira muito do nosso dinamismo, pois a atuação dos parlamentares coloca a opinião pública numa posição passiva, de expectadora. Pelo contrário, as palavras de ordem e as campanhas partidárias estabelecidas com um caráter nacional dão iniciativa aos organismos de base, permitem entusiasmar grandes setores populares e constituem em si mesmas um veículo de propaganda e organização muito mais vivo e autêntico.

Também parece certo que a nossa posição política permaneceu estagnada, não tendo sido readaptada às novas condições que foram sendo criadas. Constituímo-nos em partido num momento em que a tarefa dominante era a luta pela reconstitucionalização e pela legalidade, contra a ditadura. Mas, vencida essa etapa, continuamos preocupados predominantemente com as pequenas violações dos textos formais cometidas pelos agentes do executivo, e em geral esquecidos de nossas fundamentais reivindicações revolucionárias.

Se é certo que o nosso programa admite a possibilidade de chegarmos à socialização pelos meios legais e pacíficos, não podemos perder de vista que a tanto não chegaremos se não formos capazes de exercer a pressão necessária. Provavelmente não haverá, no partido socialista, quem suponha que a burguesia vai, espontaneamente, convencer-se de que deve deixar de ser burguesia e de que deve adiantar-se ao proletariado, entregando-lhe o poder político de mãos beijadas. Haverá luta, e luta muito séria, antes que isso seja conseguido.

Entretanto, nestes cinco anos decorridos, o partido socialista não sustentou nacionalmente sequer uma campanha que pudesse realmente chegar até a grande massa do povo e atraí-

la para a nossa bandeira. Nossa principal atividade esteve orientada para horizontes estritamente democrático-burgueses, e embora os objetivos propostos fossem da mais alta importância dentro desses limites, isso impediu-nos nos configurarmos como uma organização revolucionária e socialista. Ainda aqui talvez seja necessário dizer que esta não é uma crítica dirigida a este ou aquele organismo partidário ou pessoa de dirigente, mas sim uma auto-crítica geral de todo o nosso trabalho como partido.

Agora, com as eleições para a presidência da República, têm os socialistas uma oportunidade nova e talvez melhor para destacar-se aos olhos do povo. As negociações pré-eleitorais desmarcaram completamente, perante a opinião pública, os diferentes partidos, mostrando claramente que nenhum deles se diferenciava fundamentalmente dos demais, estando todos prontos a manobras, compromissos e cambalachos, desde que as ambições particulares respectivas fossem atendidas. PSD, UDN, PTB, PSP e PR configuraram-se perfeitamente como agrupamentos burgueses equivalentes entre si, todos interessados em evitar a luta política caso o candidato pudesse ser o seu próprio. Fracassando o entendimento geral entre esses partidos, teremos a UDN, na melhor das hipóteses, apresentando a candidatura de Eduardo Gomes, e o PSD, unido ao PTB ou ao PSP

a de Nereu Ramos ou de outro Nereu Ramos qualquer.

Nessa eventualidade, o Partido Socialista não terá porque integrar-se em qualquer dos dois ou três blocos burgueses que se defrontarem. Apresentada como remendo ao furado acórdão inter-partidário, após todas as concessões admitidas, às marchas e contra-marchas realizadas, a candidatura do Brigadeiro não terá, hoje, nada que a assemelhe à sua feição de 1945. Seria prova de imperdoável feticismo, de criminoso engrossamento do fenômeno caudilhista, o contribuirmos para que o povo supusesse que a pessoa do Brigadeiro seria suficiente para resolver a aguda crise nacional.

O Partido Socialista deve apresentar candidatos seus, partidários, com uma plataforma socialista nitidamente marcada. Si não queremos plantar couves, não devemos alimentar a ilusão de atingirmos o poder através de um representante qualquer — por mais digno que seja ele pessoalmente — da burguesia que almejamos destruir. Si queremos plantar carvalhos, devemos ver as eleições como uma oportunidade de propaganda de nossas idéias, de afirmação de nossa personalidade política, de educação da massa, de abertura de caminho para a longa marcha que deveremos realizar, antes de liquidar, no Brasil, o regime da exploração do homem pelo homem.

Arnaldo Pedrosa d'Horst

# A Mensagem do Presidente da República

(Continuação da 7.ª pág.)

do ano findo, precisamente nesse mês do segundo semestre, em lugar do saldo promissor, a nossa balança comercial registrou um déficit de mais de um bilhão e seiscentos milhões de cruzeiros. Aliás, seja dito de passagem, não existe e nem se compreende que pudesse existir, uma normal reguladora dessas questões, como se uma divindade tutelar, um ser supremo protegesse o Brasil das necessidades dos seus dirigentes e, assim, por um verdadeiro milagre, houvesse sempre o almejado saldo positivo na sua balança comercial.

Nem ao menos podem mais os agentes de nossa desmoralizada burguesia, em face da entaladela, afim de transferirem às massas consumidoras o peso integral de seus desatinos, socorrerem-se dos meios clássicos das altas taxas cambiais e das emissões irresgatáveis. A elevação das taxas cambiais, isto é, a desvalorização da moeda, se de um lado viria favorecer aos exportadores, traria, por outro lado, enormes prejuízos para o comércio importador e levaria, mui certamente, à falência, o Banco do Brasil e mesmo o tesouro nacional, tais são as íntimas ligações que existem entre essas entidades, quando se trata do comércio com o estrangeiro.

Não podem mais ocultar

os dirigentes responsáveis do país, que as finanças brasileiras se aproximam do paroxismo da desorganização total. São os mais próximos amigos do governo os que de público fazem tais afirmações. São os mais próximos amigos do governo os que de público fazem tais afirmações. Ainda recentemente o presidente da Comissão de finanças, em discurso pronunciado, afirmou que "o panorama se altera e surge um déficit de quase 3 bilhões de cruzeiros, no orçamento do governo" e as finanças públicas, "se providências radicais enérgicas não forem adotadas, tomam o rumo da estrada mais da desorganização".

Finalizando a leitura da Mensagem, somos forçados a concluir que o governo providencial" do general Dutra leva às consequências finais a obra devastadora das finanças brasileiras, iniciada pelo seu antecessor o ditador Vargas, de triste memória. Após quatro anos de administração, as despesas públicas estão ajeitadas à casa dos vinte bilhões, mas, por muito que esfole o consumidor, não arrecadará mais de 17. Justamente alarmado com a situação o sr. Lafer, presidente da comissão de finanças, apela para o presidente da república afim de que limite os gastos ao que está orçado, visto como "gastando somente parte do que lhe foi autorizado, o ano de 1950 trará um déficit imprevisível e emissões improdutivas de consequências tremendas".

Chegamos ao fim desse rápido exame da Mensagem com que o gal. Dutra se despede do Poder Legislativo, cujo mandato, assimila, terminará com o dele. É realmente um documento melancólico para os brasileiros que elegeram o general Dutra presidente da república. Mas é sobretudo um documento desconcertante para os brasileiros em geral, pois leva ao mais otimista a certeza de que os homens públicos do país, aqueles que tomaram a si, desde 1930, o encargo de dirigir os interesses da coletividade, são de uma incapacidade verdadeiramente alarmante. Em face da si-

# O candidato próprio...

(Continuação da 7.ª pág.)

provoando pelos erros políticos e administrativos do governo e pelo pequeno teor de produtividade das suas legislativas.

A oposição liberal, que era ardente em 1945, capitulou. E os partidários do regime depos- taque não surgem agora vitoriosos e arrogantes e muitos deles já renegam a falsa fé democrática que exteriorizavam nos primeiros meses do novo regime. Na verdade, a República corre um perigo grave: a candidatura do antigo chefe do Estado novo. Porque, se essa candidatura se concretizar, poderá dar pretexto a um golpe de Estado, cujas consequências são imprevisíveis. Ou então poderá mesmo sair triunfante e isso significará o fim da democracia no Brasil.

5

A existência do Partido Socialista Brasileiro e o cumprimento de sua missão dependem totalmente da existência e da sobrevivência do regime

democrático no país. Na ilegalidade, o nosso partido se esfacelaria, daria a debilidade que ainda caracteriza seus passos iniciais. Na verdade, mais do que a sua força ideológica — que é fraca — liga e argamassa o partido o seu registro eleitoral, que é, no atual regime de limitações democráticas, um privilégio. Sem registro sem vida política livre o partido se dissolveria em facções estranhas e mesmo adversárias. A democracia é portanto o único clima compatível com a vida do nosso partido e com a criação de uma consciência partidária ainda em embrião. A democracia está portanto acima dos interesses imediatos do próprio partido.

Em tais condições creio em que o Partido Socialista, ao tomar uma decisão diante do problema sucessório, deverá colocar acima dos interesses partidários os interesses da sobrevivência do próprio regime constitucional, no qual deverá

desenvolver-se e preparar o eleitorado e o povo para o futuro regime socialista.

6

Pelo que disse acima, já é fácil compreender que sou contra uma das hipóteses oferecidas no início deste trabalho: a abstenção do Partido diante do problema sucessório. A abstenção é uma atitude capitulacionista e desmerecedora para o espírito de luta do nosso partido. Devemos ter candidato, seja ele nosso ou alheio. Não poderemos porém deixar aos outros a tarefa de decidirem sozinhos, passando o recibo da nossa incapacidade para um gesto, uma atitude. Cada eleitor é uma parcela da vontade nacional. E a vontade dos socialistas pesa, pela sua importância moral, como uma sentença. Devemos estar presentes ao pleito de outubro, pois em política a omissão é sinônimo de suicídio.

(Continúa na 5.ª pág.)

(Continúa na 5.ª pág.)

# A IV Convenção fortaleceu a organização partidária

A Quarta Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro, seccção de São Paulo, reuniu-se como estava marcado, em 29 e 30 de abril passados. Instalada no dia 29 pelo comp. Alípio Corrêa Neto, presidente da C. E. Estadual que encerrava seu mandato, deu início aos seus trabalhos no mesmo dia, realizando uma sessão onde se discutiu o relatório da secretária e questões várias de organização. Estiveram representadas na Convenção as seguintes comissões municipais. Capital, Santos, Santo André, Campinas, Mogi das Cruzes, Baurú, Araraquara, Monte Alto, Taubaté, São José dos Campos, Cubatão, São Carlos, Sorocaba, Itú e Piracicaba.

O relatório do comp. Secretário geral, Plínio Gomes de Mello, foi objeto de atenta discussão. Todos os comps. nela intervieram, procurando mostrar quais as causas de nossas debilidades organizatórias, apontando as providências a serem tomadas para saná-las. Foram objeto de especial consideração por parte do plenário, a questão sindical e do jornal diário. Com relação à primeira, estabeleceu-se que o Movimento Autonomista deveria ser lançado o mais breve possível, contando com o apoio não só dos militantes sindicais da Capital, mas também do interior do Estado. No que diz respeito ao problema do jornal diário, o comp. J. Caetano Alvares Jr., em nome da Comissão do Jornal expendeu o ponto de vista, aceito pela maioria da Convenção, de que a proximidade da campanha eleitoral não permite a mobilização de todos os recursos necessários ao êxito do empreendi-

mento. Assim, sem abandonar a idéia de termos um jornal diário, indicava a conveniência e mesmo a necessidade da FOLHA SOCIALISTA transformar-se em um semanário.

Domingo pela manhã, 30, tiveram início os debates sobre o problema sucessório nacional estando presente o comp. Hermes Lima. Abertos pelo comp. Febus Gikovate que fez uma exposição oral de seu relatório, prolongaram-se acaloradamente até o meio dia, quando a sessão foi suspensa. As 14 hs., foram reiniciados, somente se encerrando às 17 horas, quando se procedeu à votação das propostas apresentadas. De uma maneira geral, todas elas insistiam na necessidade do lançamento ou de sua impossibilidade. A Comissão de Campinas apresentou uma proposta no sentido de que, caso não fosse possível o lançamento da candidatura própria, o Partido deveria abster-se, o comp. Wilson Rahal sustentou a posição de que a candidatura socialista deveria ser lançada,

ressalvada a possibilidade das circunstâncias determinarem a necessidade de apoio a um outro candidato. Essas duas propostas caíram por maioria, tendo sido a conclusão do relatório do comp. Gikovate aprovada por unanimidade. Aprovou-se também proposta do comp. Syr Martins, de Santo André, no sentido de recomendar o trabalho do comp. Gikovate à convenção nacional, bem como relativa à possibilidade da convenção nacional, bem como relativa à possibilidade da convenção nacional, decidir em contrário ao ponto de vista de S. Paulo, optando pelo apoio a um candidato. Nessas circunstâncias, deveremos exigir dele a promessa de execução de um programa de execução de um programa mínimo.

Na sessão da noite de domingo, foram feitas as indicações para os cargos de deputados federais e estaduais, bem como procedeu-se à eleição da nova Comissão Estadual e dos delegados de São Paulo à convenção nacional.

## Itens da Plataforma Socialista

Exploração pelo Estado, diretamente ou através dos municípios, dos serviços de abastecimento de carne e leite às populações urbanas, considerados os mesmos como serviços públicos, sem finalidades lucrativas.

Extensão das garantias da legislação trabalhista a todos os trabalhadores braçais do Estado, dos municípios e das repartições autárquicas; reajustamento das pensões e benefícios de todos os trabalhadores estatutais ou municipais aposentados, ou dos respectivos beneficiários, em bases correspondentes ao custo de vida.

## O candidato próprio será uma demonstração de confiança nos ideais socialistas

(Continuação da 8.ª pág.)

acusação e a luta pela educação política do próprio eleitorado cuja boa fé vem sendo explorada por aqueles que tem por único objetivo a manutenção do atual estado de coisas, que prescinde de qualquer apreciação.

3.

Pode parecer-vos que sou áspero em relação ao eleitorado brasileiro quando afirmo que a maioria desse eleitorado pende para os chefes, para os caudilhos. Dizendo isto, não estou, porém, formulando acusações a esse eleitorado. O regime republicano no Brasil foi instaurado praticamente em 1930. Em 1935 era porém suprimido pela Lei de Segurança. Assim, ao restabelecer-se, pelo ato adicional de abril de 1945, o regime democrático, a experiência de um povo brasileiro era mínima. Dez longos anos de Ditadura tinham deformado a consciência política dos mais idosos e fascetizado a dos mais jovens. Desprevenido esse eleitorado cometeu os erros que são por nós todos conhecidos. E caímos então num círculo vicio-

so: o eleitorado escolhe mal. Os seus escolhidos decepcionam, malogram. O eleitorado torna-se mais cético. E, enquanto isso, os demagogos e os inimigos do regime se movimentam uns para explorar as fraquezas da nossa democracia outros para destruí-la e aniquilá-la. A defesa permanente do regime é portanto necessária e compete a todos os democratas sinceros, entre os quais nos enfileiramos, nós, socialistas. E, para que nossa voz seja ouvida, temos que dar às massas um exemplo sincero de confiança em nós mesmos e naquilo em que acreditamos. Este é o problema do nosso partido, é o caminho que devemos seguir.

4.

Entretanto, não está em jogo no momento apenas o destino do Partido Socialista Brasileiro. Já se afirmou — e quem sustentou tal tese entre nós foi um dos nossos companheiros mais ilustres — que as condições atuais são diferentes de 1945, quando estava em jogo o próprio regime. Naquela época apoiamos o candidato de uma corrente de partido. Naquela época, convém

lembrar, ainda não existia o Partido Socialista. E, a Esquerda Democrática, de onde o mesmo provém, era apenas a ala autônoma de um partido burguês.

Se pertencia, a E. D., a um partido registrado, e se este partido tinha candidato próprio, este candidato era o próprio da E. D. Hoje somos um partido autônomo, o único partido daqueles que, desceando sinceramente dar à sociedade brasileira uma nova estrutura, não desajam porém abdicar à liberdade e à dignidade inerentes ao genero humano.

E' portanto como partido independente que devemos encarar a real situação política do país, que só difere da de 45 sob um aspecto: a democracia corre perigo muito maior. Em quarenta e cinco o novo regime era a esperança de quase todo o povo e todos esperavam que a então futura carta constitucional surgisse como uma panacéia. O ex-ditador era praticamente um proscrito e os seus arautos procuravam — quase todos — esconder suas capitulações. Hoje, porém, há um geral desencanto,

(Continua na 6.ª pág.)

# A mensagem do Presidente da República

(Continuação da 8.ª pág.)

presidente do Banco do Brasil empenhou-se com o chefe do governo para que fossem proibidas as exportações de tecido. Quanto as demais exportações, o aparelhamento burocrático do mesmo banco cria as dificuldades para restringi-las, visto não ser possível sua total proibição.

Tão ineptas, porém, eram essas medidas que, decorrido menos de um ano, o executor da política financeira do governo, andou se empenhando com produtores e comerciantes de tecido, para que procurassem reanjar as exportações: haviam se acabado as reservas brasileiras no exterior e a balança comercial do país, inexperadamente para ele, passara a ser deficitária.

No que tange às reservas em moedas fracas, também essas foram rapidamente consumidas. O governo, não sabendo em que aplicar tais reservas, andou fazendo tudo quanto foi espécie de acordos, ruinosos todos eles, com a França, com a Tchecoslováquia, com a Bélgica etc. Os saldos em libras aplicou-os na encampação de tudo quanto foi estrada de ferro velha e deficitária. De tudo isso resultou que "a partir de novembro de 1949", lê-se no último número de Conjuntura Econômica, "foi estendido à libra esterlina, o regime de "fila" já existente para as moedas "conversíveis", ou seja, a instituição de registro do pedido de câmbio para a concessão de cobertura, na ordem cronológica de inscrição e segundo critério de prioridade". Já agora entraram também os pedidos de importação em franco belga para o regime da fila, esgotaram-se igualmente nossas reservas dessa moeda.

Com a Grã-Bretanha o nosso governo firmou um acordo cujo objetivo era "estabelecer equilíbrio no intercâmbio entre as duas áreas", mas como sempre, já porque não sabemos como fazer essas coisas, já porque o filho-

tismo, a camaradagem, os favores aos amigos do peito, tiveram prioridades indevidas, e se ja porque motivo for, o fato concreto é que "as trocas se processaram em condições diferentes das previstas e, já no fim de 1948, nossa balança comercial com a Grã-Bretanha foi desfavorável em 68 milhões de cruzeiros, situação que se acentuou grandemente no curso do ano de 1949".

Tudo isso e não "as flutuações bastante acentuadas ainda decorrentes da conjuntura econômica peculiar ao pós-guerra", levou o país às portas da bancarrota e se, momentaneamente, sente-se certo alívio, deve-se o fato ao alto preço porque vem sendo vendido o café. Foram as elevadas cotações desse produto brasileiro o que deu margem, após os escândalos da liquidação dos estoques do Departamento Nacional do Café, a que o presidente pudesse afirmar em sua Mensagem que "nunca em nossa história, como em 1949, concorreu o café com parcela tão elevada para o fortalecimento da balança comercial do país".

Apesar disso, a balança comercial do Brasil, em 1949, acusou um deficit, somente em libras, de cerca de 950 milhões, deficit esse que ficou reduzido, em face do saldo positivo resultante de nossas vendas para os Estados Unidos, a mais de quatrocentos milhões. Assinalado deficit nos três primeiros meses de 1950 na Mensagem, visando por certo acalmar as apreensões dos que cuidam desses assuntos, afirma-se que "o primeiro semestre de cada ano sempre se caracteriza, no Brasil, por fracas exportações, o que provoca desequilíbrio, quando as importações se mantêm em níveis elevados, somente compensado no fim do ano comercial pelas vendas do segundo semestre". Logo na página seguinte da Mensagem, porém, encontra-se o formal desmentido a essa enganadora afirmativa: em Outubro

(Continua na 6.ª pág.)

# O Movimento Revolucionário no Mundo Colonial

AUXILIEMOS  
A IMPRENSA  
SOCIALISTA

A estabilização da situação política na Europa e os acontecimentos verificados no Oriente, a partir da vitória dos stalinistas chineses, vêm atrair a atenção da opinião pública ocidental para a agitação de que é palco o sudeste da Ásia e, em conjunto, o mundo colonial. Trata-se entretanto de um processo que está em curso desde 1945 e do qual já se desenrolaram muitos dos lances mais dramáticos. Pade-se mesmo dizer que entre os poucos resultados concretos da crise social do pós-guerra - resultados que estão em proporção bastante mesquinha relativamente ao grau de decomposição do capitalismo internacional, ao findar a II Grande Guerra Imperialista — acha-se a ascensão revolucionária dos povos coloniais, de que resultou o aparecimento das novas repúblicas da Índia, da Indonésia e do Viet-Nam.

É desnecessário encarecer a importância para o movimento proletário internacional, da luta dos povos coloniais contra seus opressores sociais e nacionais. Em 1917, encarava-se a revolução colonial como sendo uma ação de retaguarda da Revolução Mundial cujo epicentro ficava nos países industriais da Europa. Atualmente, na situação generalizada de recuo e confusão a que o stalinismo, o reformismo e o sectarismo arrastaram a classe operária — situação de que só aos poucos ela irá se recobrando — quando não há qualquer perspectiva da imediata vitória socialista na Europa, o levante dos povos coloniais é um dos grandes laboratórios em que se prepara a ressurreição do movimento revolucionário independente. Na estratégia internacional do movimento socialista ele ocupa papel de destaque, ao lado da luta em prol da unificação socialista da Europa, da luta para que a experiência trabalhista inglesa progrida num sentido verdadeiramente socialista, dos esforços em prol da criação de um partido operário nos Estados Unidos e do Combate pela organização socialista das massas na América Latina.

## O MUNDO COLONIAL

Os povos englobados na classificação de "países coloniais", apresentam variados estágios de desenvolvimento. Todos possuem movimentos nacionalistas. A influência das correntes social-revolucionárias nesses movimentos varia na razão direta do adiantamento econômico e do peso representado pelo proletariado nos respectivos países. As colônias do sudeste da Ásia — principalmente a Indonésia e a Indochina — possuem um proletariado concentrado na extração de petróleo e matérias-primas, nas empresas desenvolvidas pelo capitalismo estrangeiro. Por todo o mundo colonial, sobretudo no campo, encontra-se toda sorte de vestígios de sistemas pré-capitalistas e de barbário, o nível de vida das populações sendo baixíssimo em toda

a parte. Existem também embriões de classes dominantes nacionais representadas por senhores de terra nacionais e por escassos elementos burgueses mais ou menos associados aos capitalistas estrangeiros. Entre a indiferenciada plebe das socieda-

(Continúa na 4.ª pág.)

# Folha Socialista

## O Candidato Próprio será uma demonstração de confiança nos ideais socialistas

Relatório do comp. DOMINGOS C. SILVA à C. M. da Capital

## KEMPER ARREGANHOU OS DENTES CONTRA O SOCIALISMO

O sr. James Kemper, delegado americano à Conferência Interamericana de Comércio e Produção, fez um discurso advertindo as classes produtoras da América Latina, do perigo que representa para as liberdades democráticas, a implantação do socialismo. O sr. Kemper, certo de que a classe dominante latino-americana já sabe que o comunismo é um perigo para toda a humanidade, resolveu advertir seus comparsas do lado de cá do Rio Grande, do que o socialismo, como está sendo feito na Inglaterra, por exemplo, é um problema muito sério e que deve ser enfrentado atentamente pelos capitalistas. O indivíduo, disse o representante americano, no socialismo, deixa de ser indivíduo e se transforma num robot.

dução. É preciso que nós, homens da produção, salvemos a humanidade desse perigo.

O sr. Kemper por certo ignora que o capitalismo, ao separar a posse dos meios de produção e o trabalho, ao impedir que o fruto do trabalho seja de quem trabalha transforma os homens, não em robots, mas em Mercadorias, compradas e vendidas no mercado da mão de obra pelos homens da produção. E por ignorar isso, uma vez que ele não tem que se preocupar em vender a sua força de trabalho, a fim de poder sustentar a si e a sua família, o sr. Kemper julga que o capitalismo é o melhor dos regimes. Para a classe capitalista, evidentemente...

Incumbido por essa Comissão de estudar o problema da sucessão presidencial da República e a posição do nosso Partido diante desse problema, decidi apresentar-vos um trabalho sucinto e objetivo, deixando a discussão das bases de minhas conclusões para os debates orais positivamente suscitados por este estudo.

Nenhum de nós ignora que o problema a resolver é o seguinte: deve o Partido ter candidato próprio à presidência da República ou não? E, se não tiver candidato próprio, deverá apoiar o de outro ou outros partidos, ou deverá manter-se à margem?

Ora, tais perguntas não devem ter resposta sem um exame atento da situação política do país e uma interpretação da missão reservada ao Partido Socialista Brasileiro.

2

A situação política do país reflete a inquietação e a insegurança da sua estrutura social, agravada nos últimos anos por erros de toda a ordem, en-

tre os quais sobressaem os que decorrem da política financeira do governo.

Até 1930 o povo não participou da vida política nacional. Acostumado desde o Império e através dos longos anos de presidencialismo ditatorial da República Velha a confundir o Estado com o Chefe do Governo, mostrou-se e ainda se mostra propenso a crer num nome, num indivíduo, como solução salvadora para males que se agravam sempre.

A ditadura estadonovista agravou essa deformação da consciência política da maioria do povo brasileiro, especialmente de classe proletária. E, assim, ao sair da Ditadura, o povo brasileiro voltou seus olhos para novos chefes. Não é por acaso que cada partido no Brasil, se encarna na pessoa de um chefe. A UDN é chamada o partido do Brigadeiro. O P. S. P. é o partido de Adhemar. O PTN é o partido de Borghi. O P. Libertador é o partido de Pila. O P. R. P. é o partido de Plínio. Os comunistas criaram o prestígio e foram além criando o mito de Prestes. E, se o P. S. D. se encontra em estado de decomposição, isto se deve especialmente ao fato de o chefe natural do partido, que era inicialmente Getúlio ter sido afastado. Getúlio é porém o chefe da corrente em que a simples luta pelo chefe, pelo homem, pelo nome se acentua de modo mais grave criando aquilo que é a mais triste negação dos sentimentos de dignidade democrática no país: o "querermismo".

É neste campo de ação partidária que atua o Partido Socialista Brasileiro, que realmente não tem chefe nem pertence a ninguém o que implica num privilégio de ordem política e numa desvantagem de ordem táctica, do ponto de vista eleitoral.

Deste modo, áspere é a tarefa do nosso partido. O único meio que reconhecemos como legítimo para a tomada do poder é a vitória eleitoral. Esta porém depende no Brasil, quase sempre de métodos que não estão ao nosso alcance nem são dignos da missão que atribuímos ao nosso grupo partidário. Resta-nos portanto um único meio de ação: a propaganda insistente e ininterrupta o comportamento mais exato e impecável a fim de que estejamos a salvo de qualquer

(Continúa na 7.ª pág.)

(Continúa na 7.ª pág.)

## A mensagem do Presidente da República é a Confissão do Fracasso da Burguesia Nacional

Consoante tivemos oportunidade de salientar na primeira parte da análise que estamos fazendo da Mensagem do governo, constitui uma quase obcecação dos seus autores, o endeuamento da obra administrativa do atual presidente da república. Persiste, assim, entre os servidores da coisa pública, o mau veso de exaltar os poderosos do dia, herança desgraçada desse negro período da nossa história, que foi a ditadura de Vargas.

Uma geração inteira de brasileiros criou-se e educou-se quando somente uma preocupação dominava: adular o ditador. Pensa-nos dizer, mas esse espírito está presente em todas as páginas da última

Mensagem presidencial. Sente-se em todas elas a preocupação de apresentar o general presidente como o novo homem providencial, insubstituível; tem-se a sensação de que os cavalheiros da copa e da cosinha do Catete preparavam o terreno para justificar a permanência do general Dutra à testa do governo.

Isso dito, continuemos a sucinta análise que vimos fazendo da Mensagem. No tópico referente ao Comércio Exterior, procura-se escamotear a verdade, atribuindo-se as dificuldades cambiais da hora presente, quase 5 anos para a 2.ª guerra mundial ao "reajustamento do comércio externo no após guerra", reajustamento que se "processou,

como não podia deixar de acontecer, de maneira desordenada, quiçá tumultuária". No entanto nenhuma referência é feita à verdadeira causa de tais dificuldades, isto é, ao esbanjamento das reservas brasileiras em ouro e divisas; nenhuma menção foi registrada à liquidação dos estoques de mercadorias - algodão e café — que durante o período da guerra foram acumuladas, reservas essas em dinheiro e mercadorias com muita propriedade denominadas de sacrifício. Elas resultaram, assinalamos ainda agora, da impossibilidade em que se encontrou o país de importar aquelas coisas necessárias à produção industrial e agrícola.

A falta absoluta de cla-

ridvidência dos homens com quem o gal. Dutra compôs sua equipe administrativa, deu lugar à soma de erros que levaram a nação ao beco sem saída em que encontra. Os saldos em divisas consumidos na voragem das aquisições de bugigangas, automóveis e objetos de luxo, fazem falta agora para cobrir as importações das coisas mais necessárias. No entanto, o antigo presidente do Banco do Brasil e hoje ministro da fazenda, afirmou em pomposo relatório que uma coisa era verdadeiramente para se lastimar: a incapacidade dos produtores estrangeiros de satisfazerem as encomendas que o Brasil estava lhes fazendo. Dinheiro havia tanto que o mesmo